

Da herança arcaica freudiana à epigenética nanobiotecnológica

From Freudian archaic heritage to nanobiotechnological epigenetics

Fausto Roque Pereira Filho
Paulo Roberto Ceccarelli

Resumo

O conceito de “herança arcaica” representa um ponto de convergência complexo entre diversas disciplinas, oferecendo uma lente para compreender as influências profundas e pré-individuais que moldam a experiência humana. Neste artigo, procura-se analisar a contribuição de autores que trabalham o tema, suas convergências e divergências. Ao final, propõe-se uma leitura fenomenológica do corpo como espaço de inscrição histórica e potência de liberdade, sugerindo que o conhecimento genético pode tanto emancipar quanto normatizar.

Palavras-chave: herança arcaica, filogenética, epigenética.

Abstract

The concept of “archaic heritage” represents a complex point of convergence between various disciplines, offering a lens for understanding the profound, pre-individual influences that shape human experience. This article seeks to analyze the contributions of authors who work on the topic, as well as their convergences and divergences. Finally, we propose a phenomenological reading of the body as a space of historical inscription and a power of freedom, suggesting that genetic knowledge can both emancipate and normalize.

Keywords: archaic inheritance, phylogenetics, epigenetics.

Introdução

Thomas Kuhn (1962/1970), em seu livro *A estrutura das revoluções científicas*, apresentou questões fundamentais para a compreensão das ciências e de suas funções. Ele nos lembra da importância de se compreender a estrutura intelectual com a qual o cientista trabalha, para seguirmos seu desenvolvimento científico.

Se o excesso pulsional que a vida invariavelmente submete terá sobre o sujeito, ou não terá, efeitos patogênicos, isto é, transformar-se-á ou não em uma forma de sofrimento, dependerá de certos

fatores que Freud (1916-1917/1976) denomina de “séries complementares”¹.

Isto significa que fatores hereditários e constitucionais fazem parte da história da espécie: a ontogênese repete a filogênese. É por isso que as fases de desenvolvimento, durante as quais tanto a história do eu quanto a do sexual se organizam, são idênticas em todo e qualquer agrupamento humano, embora a organização

1. Hereditariedade; elementos constitucionais; influências acidentais; a intensidade de uma experiência particularmente traumática.

psicossexual de cada sujeito deva ser compreendida como uma criação singular e única para garantir a sobrevivência da espécie². Assim, há de se levar em conta os “aspectos ontogenéticos individuais, a dimensão filogenética relativa à evolução da espécie humana e as propensões da espécie para a neurose e psicose” (Winograd, 2007, p. 312).

A noção de herança arcaica³, em Freud, que atravessa toda a sua obra, é essencial para seguirmos tanto suas concepções teóricas quanto suas abordagens clínicas. O texto *Moisés e o Monoteísmo* (Freud, 1939/1975), um dos últimos de Freud, no qual se lê o exame mais extenso da “herança arcaica”, é repleto de passagens nas quais essa modalidade de transmissão encontra-se em destaque, evidenciando sua importância para Freud. Citamos apenas duas:

Se se quiser encontrar qualquer explicação dos chamados instintos dos animais, que permitem que eles se comportem, desde o início, numa nova situação da vida como se fosse antiga e conhecida, se se quiser encontrar qualquer explicação dessa vida instintiva dos animais, ela só pode ser a de que eles trazem consigo as experiências da espécie para sua própria e nova existência - isto é, que preservaram recordações do que foi experimentado por seus antepassados. A posição do animal humano, no fundo, não seria diferente. *Sua própria herança arcaica*

2. Não se tem notícia que em determinado grupo humano, os recém-nascidos passem, inicialmente, pela fase anal, em seguida a latência e, finalmente, a oral. O universal que a psicanálise desvela deve ser entendido dentro da particularidade identificatória de determinada cultura. Por exemplo, ainda que o Complexo de Édipo seja universal - herança arcaica, filogênese - ele deve ser entendido dentro da organização social daquela cultura.

3. Seguindo o pensamento darwiniano, Freud denomina de herança arcaicas estruturas psíquicas universais e predisposições intatas, especialmente em relação às origens das neuroses e à dinâmica da transferência.

corresponde aos instintos dos animais, ainda que seja diferente em extensão e conteúdo (Freud, 1939/1975, 121-122) [ênfase adicionada].

... aquilo que pode ser operante na vida psíquica de um indivíduo pode incluir não apenas o que ele próprio experimentou, mas também coisas que estão inatamente presentes nele, quando de seu nascimento, *elementos com uma origem filogenética - uma herança arcaica* (Freud, 1939/1975, p. 119) [ênfase adicionada].

Para Freud (1939/1975), “os homens carregam consigo vestígios mnêmicos da experiência de gerações anteriores” (p. 150), isto é, “traços de memória” de experiências ancestrais, transmitidas através das gerações. Estas não são memórias conscientes, mas sim predisposições inconscientes que moldam o desenvolvimento psíquico e as reações de um indivíduo. No final do século XIX, em seu *Projeto para uma Psicologia Científica*, ele já articulava a relação entre hereditariedade e estruturação psíquica, dizendo que “as excitações endógenas, que correspondem às exigências hereditárias, determinam os caminhos de descarga”. Freud foi influenciado pela teoria neuronal, que destacava a interação entre fatores hereditários e ambientais na diferenciação das estruturas psíquicas. Este período inicial é significativo, pois demonstra a tentativa de Freud de fundamentar fenômenos psicológicos em mecanismos biológicos.

A “neurose de transferência” é um conceito central na prática psicanalítica, em que padrões relacionais passados e conflitos inconscientes são reencenados na relação analítica. Freud postulou que essas repetições não são meramente individuais, mas podem aceder a padrões mais profundos, filogeneticamente herdados. O conceito de “memória arcaica” está intrinsecamente ligado à ideia de “herança filogenética”. Sugere certas respostas humanas, fantasias e estruturas simbólicas. Para Freud (1915/1987, p.

151), “certas ideias, agora inconscientes, derivam da herança ancestral da mente humana”, não são apenas adquiridas através da experiência individual, mas são ecos do passado da espécie. Por exemplo, a neurose de um paciente pode mudar ao longo do tempo, implicando uma interação complexa entre a história individual e padrões mais profundos. Para Freud, a herança arcaica não era apenas uma construção teórica, mas tinha manifestações clínicas observáveis. A transferência, nesta perspectiva, torna-se uma janela. Freud (1915/1987, p. 128) afirma: “a transferência é o campo onde o passado retorna como realidade psíquica no presente do tratamento”. Não só para os processos inconscientes individuais, mas também para as predisposições psíquicas coletivas e filogeneticamente herdadas da humanidade, as quais podem elevar o encontro clínico a um local onde camadas históricas profundas da psique podem ser acedidas.

Freud afirma, em sua carta a Ferenczi de 12 de julho de 1915, que primeiro a humanidade tornou-se angustiada ao transformar a libido em angústia (histeria de angústia) e depois, ainda sem linguagem, ao limitá-la, tornaram-se histéricos. Somente depois de terem desenvolvido a fala e inteligência que se tornaram neuróticos obsessivos. Será que podemos refletir sobre o momento do desenvolvimento das neuroses nos seres humanos contemporâneos, levando em conta as questões do inconsciente herdado, no sentido de uma configuração e disposição *epigenética*?

O que nos chama a atenção na carta a Ferenczi supracitada é que, para Freud, algumas classes de neurose aparecem antes do surgimento da linguagem. Tal posicionamento vai na contramão de algumas teorias psicanalíticas que veem na linguagem a origem do sujeito.

Em *O Inconsciente*, diz Freud: “pode-se comparar o conteúdo do

inconsciente com uma população psíquica primitiva. Se houver no homem formações psíquicas herdadas, algo análogo ao instinto dos animais, então isso representa o núcleo do inconsciente” (Freud, 1915/1987, p.154).

Darwin

A obra seminal de Darwin, *A Origem das Espécies* (1859/2000), estabeleceu o conceito de descendência comum e seleção natural como os principais mecanismos da evolução. Ele também dedicou *A Origem do Homem* (1871/2004) à evolução humana. Embora Darwin compreendesse que os traços eram “hereditários” e transmitidos de pais para filhos, ele não conhecia os mecanismos precisos da hereditariedade (genes). Essa lacuna significava que, embora Darwin fornecesse a teoria abrangente da evolução, os mecanismos de herança permaneciam especulativos. Essa lacuna conceitual permitiu várias interpretações e até a persistência de ideias pré-mendelianas (como o lamarckismo) em outros campos, como a psicanálise inicial, onde se procurava um mecanismo biológico claro para a “herança psíquica”.

O mecanismo de herança proposto por Darwin, a “pangênese”, envolvia “gêmulas” produzidas por todas as partes do corpo, em todas as fases do desenvolvimento, que seriam então transmitidas à descendência. Este modelo, embora posteriormente refutado, foi a sua tentativa de explicar como as variações surgem e são mantidas. Crucialmente, Darwin aceitava a herança de algumas características adquiridas, afirmando que modificações nas condições de vida poderiam alterar características, e que características adquiridas durante a vida poderiam ser transmitidas às gerações seguintes. Por exemplo, ele considerava a redução da lã em carneiros que vivem em países tropicais como uma característica adquirida que poderia ser herdada. Esta

aceitação, embora matizada (nem todos os traços adquiridos eram herdados), alinha-o parcialmente com as ideias lamarckianas. Esta é uma constatação crucial, pois demonstra que as inclinações lamarckianas de Freud não estavam inteiramente fora do discurso científico da sua época, uma vez que até Darwin, o pai da seleção natural, considerava ideias semelhantes sobre a herança de traços adquiridos. Isso estabelece uma relação histórica mais complexa e menos antagônica entre as suas visões sobre a herança do que é frequentemente retratada, sugerindo um clima intelectual partilhado em relação à hereditariedade antes da plena aceitação da genética mendeliana.

Darwin, em *A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais* (1872/2009), considerava que a “mente e o instinto” eram influenciados pela adaptação a novas circunstâncias, quando estudou a expressão das emoções humanas num contexto comparativo, como detalhado. Isso demonstra o seu interesse em traços comportamentais e psicológicos herdados. Os instintos, para Darwin, eram padrões comportamentais complexos e herdados que facilitavam a sobrevivência e a reprodução. Representavam uma forma de “herança arcaica” no sentido biológico, sendo profundamente enraizados e transmitidos através das gerações. O “atavismo” é explicitamente definido como a expressão de características fenotípicas que permanecem inexpressas por muitas gerações. Este conceito fala diretamente da persistência de traços antigos, fornecendo um paralelo biológico à “herança arcaica” de Freud como um retorno do passado.

Críticas de Merleau-Ponty a visões reducionistas

Maurice Merleau-Ponty, uma figura central na fenomenologia, oferece uma crítica filosófica às visões reducionistas do corpo e da mente, enfatizando o “corpo

vivido” e as suas dimensões pré-pessoais e históricas. Como afirma Merleau-Ponty (1999, p 215), “o corpo é o veículo do ser-no-mundo”. O seu trabalho proporciona uma perspectiva matizada sobre como os padrões herdados podem ser compreendidos, não como programas biológicos fixos, mas como possibilidades sedimentadas na experiência vivida. Segundo Merleau-Ponty (1999, p.255), “há uma sedimentação no corpo que orienta nossa percepção e ação sem necessidade de um saber explícito”

A filosofia de Merleau-Ponty concentra-se no “corpo vivido” como o modo primário de ser-no-mundo, desafiando o dualismo tradicional mente-corpo. Ele argumenta que a experiência é fundamentalmente encarnada e perceptual, precedendo o pensamento abstrato. Para Merleau-Ponty (1999, p. 67), “a percepção é a origem do conhecimento, e é, ela própria, corporal”. A sua obra está comumente associada ao existencialismo e à fenomenologia, enfatizando as experiências concretas, percepções e dificuldades da existência humana. Ele procurou uma (re)descrição radical da experiência encarnada, dando primazia à percepção. A abordagem característica de Merleau-Ponty é identificar uma alternativa ao intelectualismo/idealismo e ao empirismo/realismo, criticando a sua pressuposição comum de um “mundo pronto” e a sua falha em explicar a experiência histórica e encarnada. Isso impacta diretamente a forma como ele vê as estruturas “inatas” ou “herdadas”.

Neurociência e epigenética

A revolução genômica do século XXI reacendeu uma questão antiga: até que ponto somos determinados pela biologia? O psicólogo espanhol Roberto Colom, em sua obra *Eres tú: ADN* (2021), apresenta uma leitura acessível e científica sobre o papel do DNA na constituição da identidade humana. Com base na genética

comportamental e na epigenética, o autor propõe que compreender o próprio genoma é fundamental para o autoconhecimento, sem incorrer em reducionismos biológicos.

Para Colom, o genoma constitui uma espécie de “projeto de base” da identidade. Através de pesquisas com gêmeos, neurociência e estudos de herdabilidade, o autor mostra que traços como inteligência, personalidade, resiliência e vulnerabilidades psíquicas possuem um componente genético mensurável. Contudo, Colom distancia-se de um determinismo genético. O DNA não é destino, mas um mapa com múltiplas rotas. É aqui que a epigenética emerge como elemento-chave.

A epigenética refere-se a modificações químicas que afetam a expressão dos genes sem alterar sua sequência. Experiências vividas — como traumas, alimentação, estresse ou vínculos afetivos — podem ativar ou silenciar genes, influenciando a constituição subjetiva. Nesse ponto, Colom se aproxima de concepções psicodinâmicas. O corpo não é apenas dado biológico, mas campo de inscrição da história vivida. As descobertas modernas — como alterações epigenéticas em descendentes de sobreviventes do Holocausto — parecem dar suporte material a essa hipótese. O inconsciente freudiano, nesse contexto, pode ser lido como uma epigenética psíquica.

Michel Foucault, ao tratar do biopoder, mostra como a ciência médica/biológica passou a gerir a vida, regulando corpos e populações. A genética e, em especial, a epigenética reforçam esse poder, tornando o corpo objeto de previsão, normatização e vigilância. Colom (2021) alerta para esse perigo, embora de modo mais implícito: “*Conocer nuestro ADN no puede convertirse en una nueva forma de fatalismo social o individual*”.

A fenomenologia, sobretudo em Merleau-Ponty, nos convida a pensar o

corpo não como objeto biológico, mas como presença vivida e situada. O corpo é memória, mas também abertura.

A epigenética, nesse contexto, pode ser compreendida como a inscrição da existência no corpo, uma forma de memória ativa que transcende a oposição entre natureza e cultura. A obra de Roberto Colom oferece uma ponte entre ciência e filosofia, abrindo espaço para uma compreensão complexa da subjetividade. Ao articular genoma, epigenética e psicologia, ele recoloca a questão do “quem sou eu?” num campo onde a biologia encontra a história, e o corpo se torna ao mesmo tempo marca e projeto.

Livre arbítrio

As descobertas recentes no campo da Epigenética contribuem para novas e promissoras perspectivas de cura de diversas doenças. Mas, para além disso, abre também a possibilidade de debate sobre a origem das pulsões, do livre-arbítrio, do determinismo psíquico e do surgimento das patologias psíquicas no *homo sapiens* anterior à linguagem.

Em outubro de 2023, Robert Sapolsky lançou o livro *Determined: A Science of Life Without Free Will* (Uma ciência da vida sem livre arbítrio - tradução livre), ainda sem tradução para o português. Sapolsky é um dos grandes cientistas americanos, professor de Neurologia, Neurocirurgia e Neurociências na Universidade de Stanford. Neste livro, ele afirma categoricamente que não existe livre-arbítrio, reafirmando o que disse Spinoza, Nietzsche e Freud. Ele assevera que na vida não há livre escolha e, sim, uma sucessão de eventos desencadeados em função da configuração na situação anterior. Assim, vamos reagir ao ambiente e aos eventos que ocorrem em função da nossa organização genética, epigenética e psíquica naquele momento, algo bem próximo do que Freud (1917/1976) chama de “séries complementares”. Se, por

exemplo, tivermos problemas hormonais no momento da escolha isso vai afetar e determinar a escolha. Para ele, não existe um EU separado dizendo à nossa biologia o que fazer. Nenhum de nós é responsável pelo que nos tornamos, e por trás de cada pensamento, ação e experiência há uma cadeia de causas biológicas e ambientais que se estendem, desde o momento em que surge o neurônio até o início de nossa espécie. Em nenhuma parte dessa sequência infinita há lugar onde o livre-arbítrio possa desempenhar um papel.

Com *A psicopatologia da vida cotidiana*, Freud escreveu sobre o determinismo psíquico inconsciente e afirmou que além de não sermos o centro do universo (Galileu e Copérnico), de sermos descendentes de primatas (Darwin), “o ‘eu’ não é mais senhor em sua própria casa” (Freud, 1917/1976, p. 178), ou seja, o inconsciente que é o senhor.

Conclusões provisórias

Pensar eticamente essa nova era do conhecimento biológico é tarefa urgente. A “Teoria da Dupla Herança” (*Dual Inheritance Theory*) reconhece que a evolução humana é moldada tanto pela herança genética quanto pela cultural, onde genes e cultura coevoluem. Isso fornece um arcabouço que pode integrar aspectos da herança biológica (Darwin) com a transmissão de padrões comportamentais e estruturas simbólicas (ecoando a herança psíquica de Freud). Esta teoria oferece uma estrutura contemporânea robusta para a compreensão da “herança arcaica” que transcende uma explicação puramente biológica ou puramente psicológica. Permite a integração da herança genética darwiniana com a transmissão cultural e simbólica de conhecimento, comportamentos e até padrões inconscientes. Isso oferece uma visão mais holística que pode acomodar tanto os “instintos” biológicos (Darwin) quanto as “predisposições psíquicas” (Freud)

como elementos coevolutivos da herança humana, potencialmente oferecendo uma compreensão mais matizada do “corpo sedimentado” de Merleau-Ponty, onde a história cultural é encarnada. A neurociência explora a base biológica dos instintos e predisposições, enquanto a psicologia evolutiva examina como os traços psicológicos e comportamentos evoluíram através da seleção natural, fornecendo perspectivas científicas contemporâneas sobre o que poderia ser considerado “arcaico” ou “inato”.

Perspectivas futuras de investigação poderiam explorar as intersecções da neurociência, epigenética, psicologia evolutiva e psicanálise, talvez integrando insights fenomenológicos na pesquisa empírica sobre cognição encarnada e trauma intergeracional. O conceito de herança arcaica, longe de ser uma noção desatualizada, continua a evoluir, impulsionando investigações mais profundas sobre a intrincada relação entre o nosso passado biológico, a nossa experiência vivida e a nossa paisagem psíquica.

Em março de 2024 foi publicado tanto na revista *Nature*, como na *Science News*, um artigo científico demonstrando a descoberta de como é realizada epigeneticamente a transferência transgeracional: quebrando a herança epigenética, os biólogos descobriram os segredos de como as características genéticas são transmitidas.

Uma equipe de pesquisa liderada pelo professor Yuanliang ZHAI, da Escola de Ciências Biológicas da Universidade de Hong Kong (HKU), em colaboração com o professor Ning GAO e o professor Qing LI, da Universidade de Pequim (PKU), bem como com o professor Bik-Kwoon TYE, da Universidade Cornell, fez recentemente um avanço significativo na compreensão de como a máquina copiadora de DNA ajuda a transmitir informações epigenéticas para manter as características genéticas em cada divisão

celular. Estes estudos também ajudam a compreender como este mecanismo acoplado pode levar a novos tratamentos para o câncer e outras doenças epigenéticas, visando mudanças específicas na atividade genética.

Um estudo de 2025, divulgado pelo Science Daily da Universidade de Nagoya, no Japão, relata um feito inédito na ciência: transferiram um comportamento de namoro entre duas espécies diferentes de moscas-das-frutas, modificando o cérebro de uma delas para adotar um ritual que nunca havia apresentado. É a primeira vez que cientistas conseguem passar um comportamento inteiramente novo de forma genética entre animais.

O estudo, publicado após quase dez anos de pesquisas, utilizou um gene chamado Fruitless (Fru), conhecido por atuar como uma espécie de “interruptor” no cérebro. Ao manipular esse gene, os cientistas conseguiram transferir o cortejo da *Drosophila subobscura* — que oferece comida como presente — para a *d. melanogaster*, espécie que normalmente conquista as parceiras com cantos.

A descoberta mostra que alguns comportamentos podem estar “adormecidos” na genética de um organismo. Quando ativados, podem surgir de forma inesperada, mesmo em espécies que nunca os exibiram.

Segundo o pesquisador Yusuke Hara, um dos autores do estudo, a evolução de novos comportamentos não exige a criação de neurônios inéditos: “Uma pequena mudança genética pode reorganizar as conexões entre neurônios já existentes, gerando comportamentos distintos e contribuindo para a diversidade entre espécies”, explicou.

Finalizamos demonstrando a atualidade (epigenética) e genialidade de Freud citando um trecho do seu texto *Análise Finita e a Infinita* (1937/2019):

Quando falamos de ‘herança arcaica’, usualmente pensamos apenas no Isso e

parecemos supor que ainda não exista um Eu no início da vida própria. Mas não esqueçamos que originalmente o Isso e o Eu são uma coisa só, e ainda não significaria uma supervalorização da hereditariedade se acharmos crível que no Eu ainda inexistente já esteja preestabelecido que caminhos o desenvolvimento irá seguir, que tendências e reações ele trará à tona posteriormente. As especificidades psicológicas de famílias, raças e nações em sua conduta em face da análise não permitem nenhuma outra explicação. Além disso, a experiência analítica sugere que mesmo determinados conteúdos psíquicos, tais como a simbologia, não tem outras fontes senão a transferência hereditária; e com base em diversos estudos sobre psicologia dos povos, podemos supor, na herança arcaica, outros precipitados igualmente específicos nos primórdios do desenvolvimento da humanidade. φ

Referências

- AMZ - Ciência e Tecnologia. (2023). *Cientistas transferem comportamento entre espécies pela primeira vez*. <https://www.amzempauta.com.br/site/noticia/cientistas-transferem-comportamento-entre-especies-pela-primeira-vez>
- Colom, R. (2021). *Eres tú: ADN*. Eriel.
- Darwin, C. (1859/2000). *A origem das espécies*. Imago.
- Darwin, C. (1871/2004). *A origem do homem*. Imago.
- Darwin, C. (1872/2009). *A expressão das emoções no homem e nos animais*. Imago.
- Freud, S. (1915/1987). *Neuroses de transferência: uma síntese*. Imago.
- Freud, S. (1916–1917/1976). *Os caminhos da formação dos sintomas: conferência XXIII, (Vol. XVI)*. Imago.

Freud, S. (1926/1976). *A questão da análise leiga* (Vol. XX). Imago.

Freud, S. (1933/1976). *A questão de uma Weltanschauung* (Vol. XXII). Imago.

Freud, S. (1937/2019). Análise finita e infinita. In S. Freud, *Fundamentos da clínica psicanalítica* (Obras incompletas de Sigmund Freud). Autêntica.

Freud, S. (1939/1975). *Moisés e o monoteísmo* (Vol. XXIII). Imago.

Freud, S. (2012). *Totem e tabu* (Obras completas, Vol. 13). Companhia das Letras.

Freud, S. (2014). *Moisés e o monoteísmo* (Obras completas, Vol. 18). Companhia das Letras.

Kuhn, T. (1962/1970). *A estrutura das revoluções científicas* (9ª ed.). Perspectiva.

Merleau-Ponty, M. (1999). *Fenomenologia da percepção*. Martins Fontes.

Nietzsche, F. (2012). *A Gaia Ciência*. Companhia das Letras

Sapolsky, R. (2023). *A Science of life Without Free Will*. Penguin Press.

Winograd, M. (2007). Disposição e acaso em Freud: Uma introdução às noções de equação etiológica, séries complementares e intensidade pulsional no momento. *Natureza Humana* 9(2) (pp. 299-318). <https://doi.org/10.59539/2175-2834-v9n2-917>

Winograd, M., Coimbra, C. A., & Ladeira-Fernandez, J. (2007). O que se traz para a vida e o que a vida nos traz: Uma análise da equação etiológica proposta por Freud à luz das neurociências. *Psicologia: Reflexão e Crítica* 20(3) (pp. 414-424). <https://doi.org/10.1590/S0102-79722007000300009>

Recebido em: 22/08/2025

Aprovado em: 16/09/2025

Sobre os autores

Fausto Roque Pereira Filho

Bacharel em Direito e Administração e candidato à formação do CPMG.

E-mail: fausto.roques@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0008-1106-7442>

Paulo Roberto Ceccarelli

Psicólogo – Psicanalista.

Doutor em Psicopatologia fundamental e Psicanálise – *Université Paris 7* – Diderot.

Pós-doutor - *Université Paris 7* – Diderot.

Membro da *Société de Psychanalyse Freudienne* (SPF) – Paris, França.

Sócio do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG).

Sócio-fundador do Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA) (ambos filiados ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (IFPS) e à International Federation of Psychoanalytical Societies (IFPS).

Membro ativo do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos (EBEP-BH).

Professor das especializações do Instituto ESPE e Coordenador de programas de formação livre. Membro do corpo docente do Contemporâneo: Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade – POA, RS.

Coordenador de seminários na PERCURSO: Grupo de Estudos e Formação em Psicanálise, Manaus, AM.

Membro da Associação Piera Aulaginer. Pesquisador Associado do LIPIS (PUC-RJ).

Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental.

Ex-professor e orientador de pesquisas na Pós-Graduação em Psicologia/UFPA.

Professor e orientador de pesquisas do Mestrado em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência/MP da Faculdade de Medicina da UFMG.

Professor da pós-graduação da Fac. Santa Casa, BH.

Membro do Programa Antártico Brasileiro. Diretor científico da CASM, Clínica Ampliada de Saúde Mental. (CASM: <https://casm.bhz.br>). Coordenador do Instituto Mineiro de Sexualidade (IMSEX: www.imsex.com.br).

E-mail: paulorcbh@mac.com

<https://orcid.org/0000-0003-2121-1977>

